

---

## Stuart Hall. A memória e a herança de um dos académicos do multiculturalismo

Miguel Ângelo Rosa

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/859>

DOI: 10.4000/cp.859

ISSN: 2183-2269

**Editora**

Escola Superior de Comunicação Social

**Refêrencia eletrónica**

Miguel Ângelo Rosa, « Stuart Hall. A memória e a herança de um dos académicos do multiculturalismo », *Comunicação Pública* [Online], Vol.9 nº16 | 2014, posto online no dia 15 dezembro 2014, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cp/859> ; DOI : 10.4000/cp.859

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

# *Stuart Hall. A memória e a herança de um dos académicos do multiculturalismo*

Miguel Ângelo Rosa

---

- 1 No passado dia 10 de Fevereiro de 2014 perdeu-se um intelectual e um professor dotado de um talento e de uma visão crítica notáveis para desconstruir aquilo que comumente apelidamos “realidade”. A sua obra chama-nos a atenção para a segunda ordem de significados que está por trás das práticas discursivas, imagens, metáforas e histórias que nos são transmitidas pelas entidades sociais que nos rodeiam. O seu nome é Stuart McPhail Hall, professor de sociologia e teórico cultural de excelência, nascido em Kingston, Jamaica, no dia 3 de Fevereiro de 1932.
- 2 É árdua a tarefa de captar a riqueza do legado cultural de Hall em poucas linhas. O seu nome é indissociável de um vasto leque de autores e produção teórica, em grande parte oriundos das correntes do estruturalismo e pós-estruturalismo europeus. Falar de Hall é, a título ilustrativo, evocar nomes tão distintos como Ferdinand de Saussure, o pai da linguística estruturalista, e Raymond Williams, uma das identidades incontornáveis da emergência dos Estudos Culturais na Universidade de Birmingham. É também mencionar o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, usado para descrever o tipo de dominação ideológica de uma classe social sobre a outra. É entender a governamentalidade do “eu”, os “rituais de verdade” criados pela definição de poder cunhada por Michel Foucault. É ainda compreender o que é ideologia como sistema de representação no entender de Louis Althusser. Estes teóricos tiveram um grande impacto no trabalho de Hall e no campo de reflexão teórico que viria a ser conhecido por Estudos Culturais, área de conhecimento multidisciplinar na qual Hall teve um papel imprescindível, tornando-se o primeiro investigador do Centro para Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, fundado em 1964, por Richard Hoggart, e do qual foi diretor entre 1968 e 1979.

- 3 Fortemente influenciados pelo marxismo e pela Nova Esquerda, os Estudos Culturais são uma abordagem suportada por diversos pilares, como a linguística, aliada à análise crítica do discurso, à psicanálise, à sociologia, à história e à antropologia. Os estudos sobre a raça e o género, impulsionados pela entrada de Hall no Centro, constituíram um ponto de viragem na abordagem da cultura como forma de “lived ideology” e tiveram um papel fundamental para os Estudos Culturais adquirirem robustez académica e independência intelectual. A cultura, ao invés da visão dual postulada por Matthew Arnold e Frank Raymond Leavis<sup>1</sup> entre alta cultura e cultura popular, passou a ser estudada,
- “[...] not as a body of work, or particular media, or even as a set of ideal standards and rules, but rather as lived experience, the consciousness of a whole society: that peculiar order, pattern, configuration of valued experience, expressed now in imaginative art [...] in gesture and language, in myth and ideology, in modes of communication and in forms of social relationship and organization” (Williams, 1961, *apud* Hewison, 1995, p. 185).
- 4 A cultura deixou de ser vista como somente um apêndice do mundo político, social e económico. Passou a ser entendida como parte integrante e inseparável da chamada “estrutura de sentimento” de uma dada época ou período. Nas palavras de Raymond Williams, presentes em *The Long Revolution* (1961),
- [...] structure of feeling is the culture of a period: it is the particular living result of all elements in the general organization. And it is in this respect that the arts of a period, taking these to include characteristic approaches and tones in argument, are major importance (Williams, 2001, p. 64).
- 5 A cultura deixou de ser vista como una e passou a assumir um sentido plural, desdobrando-se em culturas. “Culture no longer simply reflected other practices in the realm of ideas. It was itself a practice – a *signifying* practice – and had its own determinate product: meaning” (Hall *et al.*, 2005, p. 18). Os “significados” são produzidos e entram em circulação através da língua e da cultura (Hall, 1997, p. 15). “Meaning is a dialogue – always only partially understood, always an unequal exchange” (Hall, 1997, p. 4). Perceber os processos de semiose e a forma como estes regulam as convenções da vida social, sendo os *media* um dos elementos importantes neste contexto, é um dos objectivos dos estudos culturais. Em *Encoding and Decoding in Television Discourse* (1973), Hall analisa como as mensagens são produzidas e disseminadas, especialmente na televisão, e estuda o processo comunicativo em quatro fases distintas: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução (Hall, 1973, p. 90). As notícias que circundam o indivíduo no seu quotidiano são uma articulação de sentidos não inocentes, carregados de significado e simbolismo. As imagens e ideias presentes num noticiário de televisão fazem parte de uma narrativa responsável pela criação de estereótipos raciais, sociais, culturais, identitários, sexuais e outros. Como Hall refere no documentário produzido por Sut Jhally *Race: The Floating Signifier*<sup>2</sup>: “race is a discursive construct”. Hall explica também em *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order* (1978) como as mensagens/imagens, que possuem determinados significados, transmitidas pelos meios de comunicação funcionam como matrizes que acabam por moldar a conduta e a identidade cultural de um indivíduo. “Meanings regulate and organize our conduct and practices – they help to set the rules, norms and conventions by which social life is ordered and governed” (Hall, 1997, p. 4). Hall contribuiu deste modo com obras-chave para o debate político e para o estudo da cultura e da comunicação, cuja relevância se mantém até aos dias de hoje.
- 6 Para perceber o homem por trás da sua obra é interessante recordar como é que Hall cresceu enquanto pessoa e intelectual. Oriundo de uma família de classe média, a

multiculturalidade é uma característica marcante em si, pois, como Helen Davis nos conta em *Understanding Stuart Hall* (2004, p. 5), tinha uma herança genética que ia do português ao africano, ao judaico e ao indiano. Acresce que teve que se habituar desde cedo à hibridez cultural presente na sua família e na cultura jamaicana, devido a esta ser, à data, uma colónia britânica. Numa sociedade onde estava presente o estigma pela cor de pele, cor essa que é definidora de raça e classe social, Hall sempre se demarcou desta matriz que avalia e, como Frantz Fanon refere em *Peau Noire, Masques Blancs* (1952), fixa o indivíduo. A construção da sua identidade foi marcada por uma rejeição do poder dominante. Como o próprio explica em entrevista dada a Kuan-Hsing Chen, presente na obra *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies*,

“I didn’t want to beg my way like my father into acceptance by the American or English [...]. I couldn’t identify with that old plantation world, with its roots in slavery, but which my mother spoke as a golden age [...]. I felt much more like an independent Jamaican boy [...]” (Morley e Chen, 2005, pp. 487-488).

- 7 Em 1951, Hall parte para a Universidade de Merton College, em Oxford, após obter uma bolsa de estudo Rhodes, confirmando o estatuto de aluno brilhante. Por outro lado, como o próprio refere em entrevista, “[...] in spite of my anti-colonial politics, it had always been my aspiration to study in England” (Morley e Chen, 2005, p. 493). Marginalizado, não foi fácil para Hall adaptar-se à fria cultura inglesa, de tal modo que rapidamente se apercebeu de que nunca poderia ser “inglês”. Para sobreviver na cidade de Oxford fez amizades com as minorias locais, incluindo expatriados que partilhavam com ele um interesse fervoroso e comprometido sobre a questão colonial. Com o passar do tempo, muitos dos seus colegas voltaram à terra natal para desempenhar papéis políticos, e por uns tempos parecia que esse iria ser também o seu destino, até que ganhou de novo uma bolsa de estudo e começou a trabalhar numa tese de doutoramento sobre o escritor Henry James, que não viria a finalizar. Durante um período de grande efervescência política, e marcado pela Revolução Húngara de 1956, Hall faz amizades com diversos membros da esquerda comunista britânica e cria um círculo de amigos fortemente influenciados pelo pensamento marxista da Nova Esquerda, conhecido como *The New Left*, do qual faziam parte Raymond Williams e outras figuras de destaque da época. “We were interested in marxism, but not dogmatic marxists, anti-stalinist, not defenders of the Soviet Union; and therefore we never became members of the Communist Party [...]” (Morley e Chen, 2005, p. 494). Motivado pela crispação política e social da altura, Hall participa em acesos debates discutindo a luta de classes presente na teoria de Marx e a incapacidade dos membros do Partido Comunista para dar resposta à crise na Hungria e a outros problemas, como a igualdade social e a educação.
- 8 Em 1957, muda-se para Londres, onde inicia a sua carreira de docente. É nesta altura que começa a colaborar com a revista *New Left Review*, tornando-se seu editor entre 1959 e 1961. Em meados dos anos 60 lecciona nas áreas do cinema e dos *media* na Universidade de Chelsea. Em 1979 torna-se professor de Sociologia na Open University, onde ficou até 1997, ano em que se reformou. Durante os anos de 1980, foi um dos principais críticos do *thatcherism*, tendo participado activamente no jornal *Marxism Today*, que acabou por influenciar líderes trabalhistas, como Tony Blair. Apesar de tudo, e com o decorrer dos anos, Hall foi nutrindo um crescente cepticismo em relação à esquerda britânica e ao Partido Trabalhista. Embora afastado de forma direta do mundo académico, Hall continuou a ser um ativista cheio de vitalidade, que lutou pela igualdade social e racial, tendo participado em inúmeros projectos relacionados com arte, fotografia e cinema.

- 9 Cordial no tom, combativo nas palavras, Hall manteve sempre uma clareza de ideias ímpar, dando a sensação de que o tempo não passava por ele. No entanto, um transplante de rins e os tratamentos de diálise começaram a revelar o contrário. Mas, apesar da saúde frágil e da fraca mobilidade, recebeu, até ao fim dos seus dias, visitas em casa para discutir política contemporânea e evocar reminiscências do passado. Aos 82 anos, o corpo daquele que fora também um amante de jazz sucumbiu, mas o seu nome permanece. Tal como acontece com os artefactos culturais, a sua forma material desapareceu, mas a sua essência imaterial, visível nas suas ideias e na busca por uma sociedade mais justa, mantém-se presente. Stuart McPhail Hall vive na memória dos seus familiares, no seu extenso legado e no respeito que o mundo académico nutre pelo “avô do multiculturalismo”<sup>3</sup>.

---

## BIBLIOGRAPHY

- Belanciano, V. (2014), “Stuart Hall, um intelectual cosmopolita e não apenas por biografia”. *Jornal Público*. <<http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/stuart-hall-um-intelectual-cosmopolita-e-nao- apenas-por-biografia-1623880?page=1#/follow>>. (acesso a 10 de Outubro de 2014).
- Brantlinger, P. (1990), *Crusoe's Footprints: Cultural Studies in Britain and America*. Londres: Routledge.
- Davis, H. (2004), *Understanding Stuart Hall*. Londres: SAGE.
- Fanon, Frantz (1952), *Peau noire, masques blancs*. France: Éditions du Seuil. [Tradução portuguesa (2008) Universidade Federal da Bahia: Edufba].
- Hall, S. *et al.* (2005 [1980]), *Culture, Media, and Language: Working Papers in Cultural Studies, 1972-79*. Londres: Taylor & Francis e-Library.
- Hall, S. (1973), *Encoding and Decoding in the Television Discourse*. Birmingham: Universidade de Birmingham.
- (1974), *Media Power: The Double Bind*. *Journal of Communication*, vol. 24, n.º 4, pp.19-26.
- (1978), *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order*. Londres: Macmillan.
- (1997), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage.
- Hewison, R. (1995), *Culture and Consensus: England, Art and Politics since 1940*. Michigan: Michigan University.
- Lewis, J. (2008), *Cultural Studies: The Basics*. Londres: Sage.
- Morley, D., e Chen, Kuan-Hsing (2005 [1996]), *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies*. Londres: Taylor & Francis e-Library.
- Queirós, L. Miguel, e Torres, H. (2014), “Stuart Hall (1932-2014), um Pioneiro do Multiculturalismo que Marcou Várias Gerações”. *Jornal Público*. <<http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/stuart-hall-19322014um-pioneiro-do-multiculturalismo-que-marcou-varias-geracoes-1623143>>. (acedido a 29 de Novembro de 2014).

Storey, J. (2006), *Cultural Theory and Popular Culture: An Introduction*. Georgia: University of Georgia Press.

Williams, R. (2001), *The Long Revolution*. Peterborough: Broadview Press.

## NOTES

1. *Culture and Anarchy* (1869), de Matthew Arnold, e *The Great Tradition* (1948), de Frank Raymond Leavis, são das obras mais notáveis destes teóricos culturais.

2. Além dos vídeos presentes no YouTube, um documento com explicação e problematização do documentário produzido por Sut Jhally *Race: The Floating Signifier* está disponível online em <https://www.msu.edu/course/ams/280/hall3.html> (acesso em 14 de Outubro de 2014).

3. Expressão utilizada pelos jornalistas do *Público* Luís Miguel Queirós e Hugo Torres para se referirem a Stuart Hall. “Stuart Hall (1932-2014), um Pioneiro do Multiculturalismo que Marcou Várias Gerações”. *Jornal Público*. 10 Fev. 2014. Web. 29 Nov. 2014. Disponível em <<http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/stuart-hall-19322014um-pioneiro-do-multiculturalismo-que-marcou-varias-geracoes-1623143>>

---

## AUTHOR

**MIGUEL ÂNGELO ROSA**

Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa  
miguel\_angelo\_152@hotmail.com